



## Desafios da produção textual jornalística<sup>1</sup>

Daiane Nogueira BATISTA<sup>2</sup>  
Hellen Cristina Picanço SIMAS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas (Ufam)  
Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez)

### RESUMO

Este artigo intitulado **Desafios da produção textual jornalística** propõe uma análise de textos jornalísticos produzidos por alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFAM-Parintins, a fim de observar se fazem uso em suas produções da linguagem jornalística conforme orientam os manuais e literaturas da área de jornalismo. O artigo é oriundo de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). O resultado parcial aponta que há dificuldades dos alunos em relação ao uso adequado da linguagem jornalística, bem como da norma padrão da língua portuguesa e da composição do gênero jornalístico em seu aspecto composicional e estrutural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem; Gêneros Jornalísticos; Comunicação Social/Jornalismo.

### Introdução

Durante todo curso de Comunicação Social/Jornalismo, os alunos são chamados a aprender a escrever textos jornalísticos, fazendo uso de uma linguagem peculiar: a linguagem jornalística. Ela se diferencia das demais principalmente pela exigência de concisão e pela forma de dispor a informação. A elaboração da notícia, por exemplo, exige que a informação seja organizada, fazendo-se uso da teoria da pirâmide invertida, a qual orienta que as informações principais venham no início do texto, compondo o chamado *lead*, e as complementares sejam colocadas no decorrer do texto. Porém, o que se percebe é a dificuldade da maioria dos acadêmicos de jornalismo em aprender e usar esse modelo de uso da linguagem.

Os alunos, na maioria das vezes, chegam à universidade com pouca habilidade em escrita, por isso, logo nos primeiros períodos do curso de Comunicação Social/Jornalismo, a dificuldade em escrever aumenta, pois precisam assimilar as

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação e do 5º semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez), email: [daianeabatista.14@gmail.com](mailto:daianeabatista.14@gmail.com).

<sup>3</sup>Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Possui mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, email: [hellen.ufam@hotmail.com](mailto:hellen.ufam@hotmail.com).



diferenças da linguagem do cotidiano da linguagem jornalística, obrigatória para a prática da produção de textos da área em estudo.

No Brasil, há uma deficiência no ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Isso ocorre desde o ensino fundamental, onde o aluno não aprende a interpretar e a escrever textos de maneira crítica e reflexiva. Essa dificuldade é levada para o ensino médio e depois à universidade. Os alunos de certa forma não são motivados à prática de leitura e à prática de escrita, devido ao fraco sistema de ensino da educação brasileira nas escolas, o qual centra mais no ensino da gramática da língua do que no seu uso efetivo.

Faz-se necessário, então, conhecer os principais problemas relacionados à produção textual dos alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo para pensar em possíveis soluções para melhorar a formação do jornalista do ICSEZ. A linguagem pode ser analisada não apenas como um simples instrumento de comunicação, mas também como importante objeto na construção de profissionais da área jornalística.

Assim, neste artigo, analisa-se três editoriais para verificar quais os principais desvios quanto ao uso da linguagem jornalística e quanto ao padrão composicional e estrutural do gênero em estudo. Pretende-se compreender quais os principais desvios das regras da linguagem jornalística desejada pela academia e exigida pelo mercado de trabalho. Reflexão que pretende ampliar o campo de compreensão sobre as dificuldades para produção de gêneros jornalísticos. É através do ato de ler que o jornalista conseguirá escrever com mais facilidade, terá acesso às informações sobre assuntos variados e conseguirá desenvolver texto jornalístico com criticidade. Escrever bem é um diferencial para qualquer profissional, a até porque o jornalismo contemporâneo requer agilidade na construção de um texto, o que requer desenvolvimento da habilidade de escrita e aumento de leitura.

Feita esta breve apresentação do trabalho, apresentar-se-á, a seguir, o conceito de jornalismo, as características do gênero opinativo editorial e da linguagem jornalística. Em seguida, será feita a discussão dos elementos de textualização para, então, se analisar o *corpus* de estudo. Ele foi coletado no site Jornalizando, que é um blog criado por alunos e professores de Jornalismo da Ufam, campus Parintins, e tem o objetivo de apresentar os textos jornalísticos produzidos por eles.



## **O Jornalismo**

O jornalismo é conhecido como a profissão que tem o objetivo de levar informação para o público, além de várias outras características que o jornalista possui em sua área. Porém, não há apenas uma definição sobre jornalismo, mas sim várias. Cada autor apresenta uma visão sobre a profissão, outros criam manuais de redação, onde são abordadas dicas e técnicas sobre como atuar na área jornalística.

Nelson Traquina (2005, p. 21) afirma que é um absurdo definir o que é jornalismo em apenas um livro. Falar em jornalismo é falar em histórias ou “o jornalismo pode ser uma parte seletiva da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 30). Existem várias concepções diferentes do que pode ser jornalismo. No entanto, mesmo sem ter um único conceito, o jornalismo continua a crescer no mundo contemporâneo, pois “a cultura jornalística fornece toda uma panóplia de mitos acerca da sua própria profissão em que certamente o jornalismo é visto como a melhor profissão” (TRAQUINA, 2005, p. 30).

A função do jornalismo é manter a sociedade informada dos fatos que ocorrem no mundo, transmitir a realidade de forma que não atenda somente interesses particulares, mas sim a comunidade em geral. Para isso, é fundamental a atuação do jornalista, pois é ele a ferramenta principal para se fazer jornalismo. Na profissão, “o papel do jornalista é fazer com que o jornal cumpra o seu dever de informar os leitores, e por isso muito do que já foi dito se aplica também à actividade de quem escreve para jornais” (GRADIM, 2000, p. 33). Em suma, o campo jornalístico exige conhecimento sobre as regras do jornalismo, na sua técnica, linguagem, escrita, enfim, nos vários critérios que contribuem para o exercício profissional dentro e fora das redações.

## **O Editorial**

O editorial é o gênero opinativo que apresenta a opinião da empresa ou do meio de comunicação sobre os fatos mais repercutidos na atualidade. Podem vir nos jornais impressos, televisivos e na web, assim como nas revistas e no rádio. O editorial tem como objetivo persuadir o telespectador/leitor a questionar, indagar, criar uma visão sobre determinado assunto. Em termos de estrutura, a autora Anabela Gradim ressalta que:

O editorial deve ser relativamente curto, deverá ocupar sempre sensivelmente o mesmo espaço, e ser escrito com graça, ritmo e



vivacidade, utilizando um vocabulário rico e variado que não abuse das frases longas. O editorial não pode ser entediante, aborrecendo de morte os seus leitores; nem pedante, tratando-os como retardados aos quais, do cimo da cátedra, é preciso ensinar coisas tão óbvias como apertar os cordões dos sapatos (2000, p. 86).

Suas características textuais são: escrever sempre em terceira pessoa do singular, apresentar argumentações, dados estatísticos, fontes que comprovem o ponto de vista do veículo de comunicação para que o leitor sinta firmeza no que está lendo. Deve ser claro, incisivo, vigoroso e assertivo, como destaca Gradim (2000).

Segundo Beltrão (1980 *apud* Melo, 2003, p. 108) aponta quatro atributos para o editorial que são:

Impessoalidade (não se trata de matéria assinada, utilizando portanto a terceira pessoa do singular ou a primeira do plural); topicalidade (trata de um tema bem delimitado, mesmo que ainda não tenha adquirido configuração pública); condensalidade (poucas ideias, dando maior ênfase às afirmações que às demonstrações); plasticidade (flexibilidade, maleabilidade, não dogmatismo).

Gradim (2000) destaca que o texto editorial deve seguir apenas um tema, mostrando-o na abertura, argumentando no corpo do texto e finalizando-o de forma coerente e necessária, pela posição inicialmente adotada. Ainda segundo a autora, “é de extrema importância o rigor da argumentação, a clareza das deduções, a lucidez da análise e a justeza das conclusões” (GRADIM, 2000, p. 85).

Sendo assim, vale dizer que, o editorial escolhe sempre um lado para opinar, pois, “o jornal está, por essência, comprometido a dizer em voz alta o que pensa” (GRADIM, 2000, p. 83). Segue regras para elaboração, itens que enriquecem o texto jornalístico, proporcionando maior número de leitores.

### **A linguagem jornalística**

O texto jornalístico é diferente porque o seu objetivo, função social, suporte, domínio, discurso são diferentes de outros gêneros, principalmente do escolar mais conhecido: a redação. Em outras palavras, ele obedece outro tipo de linguagem, chamado de linguagem jornalística.

A linguagem jornalística é formada por normas impostas pelos manuais de que orientam como escrever o texto jornalístico. Essas regras devem ser obedecidas na



construção das notícias, reportagens, editoriais, entrevistas etc. O autor Amaral (2008) alerta que as regras de redação dependem de cada texto, pois todos têm sua maneira de escrever. A única característica notável entre eles são a criatividade, competência e talento.

Para Nascimento (2009), o discurso jornalístico tem sua própria identidade, trabalha com os fatos do cotidiano, por isso deve-se atender a todas as exigências do texto jornalístico que são: a universalidade, a atualidade, o caráter factual e a verossimilhança.

De acordo com Erbolato (2008), o jornalista enfrenta alguns obstáculos ao chegar às redações. Devido à correria, acaba entregando ao editor matérias sem o padrão da linguagem jornalística. A palavra certa foge-lhe à mente, ocasionando assim um trabalho a mais na hora da revisão. É nesse sentido que as instruções são necessárias, para preparar o jornalista a ter o mínimo de dúvidas.

Além de todas essas regras, deve-se obedecer às regras normativas da língua portuguesa, pois a “ortografia, gramática e pontuação, empregues com correção são imprescindíveis ao trabalho jornalístico” (GRADIM, 2000, p. 139). É a partir desse conjunto de elementos que o texto será coerente e coeso para uma boa interpretação. Portanto, é necessário compreender as normas da linguagem jornalística, pois é através dela que os textos noticiosos irão ser construídos e veiculados nos meios de comunicação de massa.

### **Os Elementos de textualidade (coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade).**

Na construção de qualquer gênero textual, é necessário o uso dos elementos de textualidade para que se compreendam de forma clara os argumentos que surgem no decorrer de cada parágrafo. Para isso, o autor do texto deve ter conhecimento a esses elementos que são: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, aceitabilidade.

Organizar as ideias sem fugir do tema requer habilidades para se obter uma boa escrita, pois “[...] não se pode escolher aleatoriamente as palavras, nem arrumá-las de qualquer jeito, nem tampouco optar por qualquer sequência de frases” (ANTUNES, 2009, p. 93). Portanto, ao organizar um texto, deve-se dar importância à coerência já que “por ela é que reconhecemos a unidade de sentido e intenção prevista” (ANTUNES, 2009, p. 96). Diante disso, existem outros elementos na construção de textos, a saber:



A informatividade é uma característica que diz respeito ao nível de novidade, de imprevisibilidade que a compreensão de um texto permite no seu decorrer (ANTUNES, 2009, p. 125). Ou seja, é um critério fundamental de um texto, pois, “em princípio, todo texto traz algum elemento de novidade” (ANTUNES, 2009, p. 126).

A intencionalidade está relacionada ao comportamento de quem vai construir o texto, ou seja, refere-se à intenção do locutor em como vai transmitir suas ideias e, em como o receptor vai entendê-la a partir da leitura. Dessa forma, a produção de textos terá mais êxito. Em outras palavras “essa *intencionalidade* representa, pois, a *disposição do interlocutor de cooperar com seu parceiro* para que ele possa processar, com sentidos e as intenções do que é expresso” (ANTUNES, 2009, p. 75-76, grifos do autor).

A aceitabilidade em contrapartida refere-se em como o receptor vai reagir ao texto. É ele quem vai avaliar se a escrita está coerente e coesa, pode aceitar ou não o que foi proposto pelo autor. A aceitabilidade “constitui também um esforço de cooperação, no que resulta, para a atividade verbal, a existência de uma cooperação mútua, “um contrato” ou uma via de duas mãos, cujo efeito maior é a comunhão de sentidos e de intenções” (ANTUNES, 2009, p. 76).

Outra característica importante na construção de textos é a situacionalidade, que em determinado contexto pode ser utilizado. A situacionalidade precisa da atenção de quem escreve, pois dentro do texto são criados vários fatores que dão sentidos à situação em que está inserido. Dentro desse contexto, “o homem serve de mediador, com suas crenças e ideias, recriando a situação” (SIMON, 2008, p. 04).

O intertexto é na construção do texto uma peça imprescindível para obter uma escrita coerente. A intertextualidade “em sentido restrito, todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte social da memória dos leitores” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 101).

Segundo Koch e Elias (2012), é muito comum as matérias jornalísticas apresentarem aos leitores em jornais ou revistas, artigos científicos, resenhas, entre outras produções, de onde vieram as fontes na formulação dos textos a que o autor faz citação. Desta forma, podemos perceber que a intertextualidade está presente em diferentes tipos de textos.



## **Desafios da escrita jornalística: análise dos textos produzidos por alunos de Comunicação Social/Jornalismo da Ufam-Parintins**

O jornalismo possui uma linguagem diferente para a construção do texto: a linguagem jornalística. Ela possui regras que instruem o repórter a construir um texto informativo ou opinativo de forma coerente, coeso, conciso etc. Ao mesmo tempo, se faz necessário obedecer às regras normativas da língua portuguesa, relacionadas a acentuações, pontuações, concordâncias, entre outras. Além disso, é necessário observar a construção de cada gênero textual jornalístico, no que diz respeito à estrutura do gênero, ao estilo e as formas discursivas. Dessa forma, para o texto jornalístico se apresentar de forma clara ao público, necessita de um conjunto de normas e orientações para sua elaboração. Os artigos de opinião, *corpus* deste estudo, serão analisados considerando-se três categorias de análise, a saber: **infraestrutura do texto, elementos de textualização e regras da linguagem jornalística**. Portanto, veremos a seguir a análise de alguns textos jornalísticos produzidos por alunos/acadêmicos do ICSEZ para observar se eles seguem os critérios elencados anteriormente.

### **Editorial 1: análise e discussão**

O editorial intitulado “*O aumento do preço da corrida dos moto taxistas em Parintins*”<sup>4</sup> é um dos textos elaborados pelos acadêmicos de jornalismo da Ufam-Parintins e publicado no blog *Jornalizando* criado por eles.

Considerando a **infraestrutura** do editorial, percebe-se que seu enunciado está todo em letra maiúscula (caixa alta). Contudo, de acordo com as normas da linguagem jornalística, o uso correto é apenas a primeira letra em maiúscula e o restante em minúscula (caixa baixa). Em textos jornalísticos todo título deve obedecer a essa regra.

Outro ponto a ressaltar é a frase escolhida para o editorial, está prolixa, ou seja, está grande e não chama a atenção do leitor. O autor do texto não soube organizar as ideias, ou seja, faltou criatividade na elaboração, pois todo título precisa adequar-se ao propósito comunicativo. Nesse caso, o E1 ainda não domina ou segue as regras de construção de títulos, segundo orienta os manuais da área.

Como sabemos, o editorial é a opinião da empresa de comunicação, logo, trata de assuntos que estão sendo repercutidos no momento. Muitas vezes, são assuntos que

---

<sup>4</sup> Texto disponível em <http://jornalizandoufam.blogspot.com.br/2013/02/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>.





não interessam tanto ao leitor. Diante disso, verifica-se que nesse contexto o título apresentado não chama atenção. Poderia ser escrito de outra forma como, por exemplo: “Gasolina cara aumenta a corrida dos moto taxistas” ou “A corrida está cara em Parintins”, além de outras formas que o autor poderia ter utilizado.

Os editoriais necessitam de títulos criativos, que façam os leitores se perguntarem “Preciso saber do que se trata?”, “Por que o jornal usou essa palavra?” ou “que corrida está cara?”, pois, na segunda opção, não está relacionado com os mototaxistas, criando, assim, curiosidade na cabeça do leitor. Tem sempre que conter um pouco de mistério nos títulos dos editoriais, deixar sempre “um quero mais” para que estimule o público a ler a matéria.

A introdução do E1 não completou a ideia no primeiro período da frase. Nota-se que faltou complemento para sustentar a “cabeça” do editorial, no que ocasionou uma quebra na sua apresentação. A forma adequada seria elaborar uma entrada que instigasse o interesse do público, para depois entrar na argumentação, deixando claro o assunto a ser tratado. Segundo Gradim (2000), construir um texto por blocos significa que, a cada momento, pode-se entender de forma lógica e autônoma.

No desenvolvimento, foi verificado que há uma desordem na argumentação em relação ao tema, em alguns momentos, o autor do texto confunde-se em suas próprias palavras, não conseguindo organizar os contra-argumentos que fortaleçam o contexto defendido. Faltou apresentar dados de quantos mototaxistas passam pela situação, pois, em determinados parágrafos, alega-se que há muitos trabalhadores vivendo nessa situação de descaso. Em relação à conclusão ou o fecho do E1, terminou sem reforçar a tese principal. O que se pode observar, é que o autor tentou problematizar mais uma vez, abrindo novamente outra abordagem do que fazer uma conclusão do assunto. O apropriado seria fechar o editorial com uma síntese que afirmasse o ponto de vista de que foi apresentado e defendido no texto.

Considerando os elementos de textualização presentes no texto, o grau de informatividade permite que o leitor entenda que a categoria de mototaxistas está reivindicando melhorias no seu meio de trabalho. Porém, não traz dados estatísticos que afirmem desde quando isso vem acontecendo e por que somente eles procuram resolver tal problema. Portanto, faltou ampliar subsídios que deixasse o interlocutor informado, sem dúvidas. O editorial é um gênero opinativo, ou seja, instiga o leitor a formular opiniões ou concordar com ele. Mas também tem a capacidade de transmitir informação sobre a discussão do momento.





No que se refere à coesão e coerência no texto do E1 (2013), percebe-se que há conflitos entre as frases, por exemplo, no 5º parágrafo:

Essa é uma das dificuldades, mas o problema maior é o aumento do combustível. Tudo ficou mais caro, a gasolina é essencial para o trabalho, as motos são movidas a álcool e **gasolina, sendo** o valor desse produto alto, os profissionais não podem cobrar um valor menor como o de antigamente que era de R\$3,00.

O que se entende é a falta de coerência no texto, que a todo momento fica mais confuso, pois não há uma sequência lógica entre as ideias. A cada novo período uma informação é posta, sem relação clara e lógica com a anterior. Em determinado momento o assunto aborda argumentos sobre os mototaxistas e em outro tira o foco do assunto principal, falando de gasolina, cesta básica, o que acaba confundindo o leitor.

Considerando as regras da linguagem jornalística, o texto apresenta alguns desvios dessa norma. Na segunda linha do primeiro parágrafo, nota-se que a palavra “*tem*” está sem acentuação, sendo que, segundo a ortografia da língua portuguesa, quando a concordância estiver no plural, o verbo deve ser acentuado. Erros de ortografia passam despercebidos pelos acadêmicos, que acabam publicando no próprio blog do curso sem uma revisão mais séria sobre as regras da ortografia da língua portuguesa.

A palavra “*transporte*” é repetida três vezes no segundo parágrafo do editorial, assim como, no sexto a palavra “*preço*” também é repetida três vezes no mesmo parágrafo. Para não ficar cansativa a leitura, deve-se usar sinônimos para não haver repetições desnecessárias, enfadando o leitor o público leitor.

Outro problema é verificado entre as palavras *gasolina* e *sendo*, pois sempre se deve colocar espaço depois de cada pontuação. O uso incorreto de vírgulas aparece várias vezes no editorial.

A falta de concordância nominal está presente no editorial, como na frase: “A categoria precisa ser reconhecida, quase ninguém dá valor à **classe, homens e mulheres deixam suas casas, seus filhos, sua família para darem uma vida mais digna**”. O adequado seria que a palavra “sua” estivesse no plural, sempre em harmonia com o restante da frase. Assim, o texto ficará de acordo com as normas da gramática normativa. Outra questão a ressaltar é o emprego apropriado da pontuação, pois assim apresentaria mais objetividade e coerência.



## **Editorial 2: análise e discussão**

No segundo editorial intitulado “*Necessidade de restaurante universitário*”<sup>5</sup> foram encontrados alguns desvios estruturais e quanto ao uso linguagem jornalística.

O título do texto do aluno E2 não é criativo de forma a chamar atenção do interlocutor. Ele torna-se, por isso, um título fraco, ou seja, faltaram subsídios que o tornasse mais atrativo. No desenvolvimento, verifica-se que sua estrutura é baseada na notícia, já que possui características do texto informativo como citações indiretas e narrações. Portanto, não aplicou corretamente os atributos do editorial, como define o jornalismo opinativo. O editorial é um gênero opinativo, logo há a necessidade de apresentar o ponto de vista do autor, sua opinião, sem ser maleável em suas palavras. Entretanto, o que é apresentado no texto em estudo são narrações do que está acontecendo em determinado lugar, ou seja, o autor fugiu totalmente ao propósito comunicativo do gênero editorial que é discutir e apresentar uma opinião sobre determinado assunto.

O fecho do editorial ficou solto, ou seja, não concluiu com ênfase, reforçando a tese que geralmente é posta na introdução, além da falta de objetividade. A conclusão poderia deixar uma reflexão para o leitor se aprofundar mais no assunto em questão. Faltou complementar a frase de conclusão, pois, no trecho, “*mas também beneficiará todos que trabalham no ICSEZ*”, ficou uma ideia solta, subentende-se que o aluno E2 continuaria a escrever mais um parágrafo.

Ponderando os elementos de textualização presentes no E2, o grau de informatividade está aceitável, porém, repete várias vezes a mesma informação, que poderia ser acrescentado com outra. Já o nível da aceitabilidade, pode variar, uma vez que, cada leitor pode interpretar de maneira diferente o texto.

Em relação ao que se refere à linguagem jornalística, o texto apresenta os seguintes problemas:

No 2º e 5º parágrafos, são repetidas duas vezes as mesmas ideias, “*o projeto já está em execução e passou por processo de licitação*”, “*o projeto está em andamento. Passando pelo processo de licitação*”. Ainda no segundo parágrafo a palavra “*universidades*” aparece duas vezes, sendo que ambas estão muito próximas, em frases curtas é desnecessário esse tipo de repetição. Nas duas observações, verificam-se redundâncias no mesmo parágrafo, vício de linguagem que deve ser evitado, pois causa

---

<sup>5</sup> Texto disponível em <http://jornalstandoufam.blogspot.in/2013/02/necessidade-de-restaurante-universitario.html>.



ao leitor a impressão de um texto sem argumento. Não deve haver redundâncias nos parágrafos, pois, dessa forma, ao invés de tornar o texto agradável, trazendo sempre o “novo”, acaba tornando-o prolixo.

Nos parágrafos seguintes, observa-se que as frases “*para atender as necessidades dos que fazem uso da instituição*”, “*Atenderá as necessidades dos acadêmicos*” têm o mesmo significado, porém apenas trocaram o verbo *atender* por *atenderá*. A ideia que deveria estar em apenas uma frase, ficou dividida em duas, quebrando o texto, tornando-o redundante e cansativo ao público. Nota-se que a cada parágrafo do editorial, permanece a falta de coerência na sua construção. O autor não soube organizar as ideias de forma objetiva. Faltou ser vigoroso e incisivo, como define Gradim (2000). Além de que, em textos jornalísticos, devem-se evitar verbos no tempo futuro, e preferir verbos no presente do indicativo. Por ser um editorial que está abordando um tema que ainda vai acontecer, o autor utiliza em alguns momentos esses verbos, como: *atenderá*, *funcionará*, *beneficiará* e *poderá*. Empregando esses verbos nas frases, transmite para o leitor uma insegurança, pois aparenta ser um fato que possivelmente vai acontecer. A autora Gradim (2000) destaca que os verbos devem ser empregados preferencialmente no presente do indicativo, ainda que esteja num futuro próximo.

No parágrafo “***Com tudo***, esse recurso já deveria estar desde o ***princípio***, ***inserido*** no projeto de construção do prédio da Universidade”, há dois problemas: um relacionado à ortografia e outro relacionado à pontuação. A palavra “*Com tudo*”, que exprime o sentido de oposição, deveria ser escrita assim “*contudo*”. Há uso inapropriado da vírgula entre as palavras “*princípio*” e “*inserido*”. Ao colocar uma vírgula neste trecho da frase, gera incoerência e a clareza da argumentação fica comprometida.

A falta de acentuação está presente na palavra “*benefício*”, localizada no 7º parágrafo. Bem como a sigla do instituto, “*ICSEZ*” aparece cinco vezes entre parênteses no corpo do texto fora dos padrões de escrita de sigla. Na linguagem jornalística, a sigla é explicada na primeira vez em que aparece no texto, depois ela deve aparecer.

Em suma, o editorial não conseguiu passar para o leitor a objetividade do assunto tratado, faltou o elemento mais forte do gênero: a argumentação. Pois, segundo Cereja e Magalhaes (2005), os argumentos têm função primordial para convencer as pessoas.



### **Editorial 3: análise e discussão**

Ao longo do editorial intitulado “*Prostituição infantil, uma forma de sobrevivência*”<sup>6</sup> percebe-se, no seu desenvolvimento, argumentos que enriquecem o texto. Ao fazer a leitura, o leitor consegue compreender o que o tema aborda. Entretanto, o editorial não está na composição adequada. A observar:

A introdução começa impactante e atraente, contudo, no decorrer do texto faltam pesquisas, fontes que comprovem e fortaleçam a argumentação. A cada parágrafo o autor do texto E3 apresenta novas histórias do mundo da prostituição, que é o tema relacionado. Porém, ele apenas proporciona o que a maioria do público leitor já sabe, como por exemplo, no 2º parágrafo em que diz:

A criança conhece esse ambiente por influência de conhecidos ou amigos e acaba se aventurando neste ato da venda do seu próprio corpo. E acha ali, um meio fácil de obter recursos financeiros e ter uma vida ilusória de luxo e conforto (E1, 2013).

Este é um dos trechos do editorial que poderia ser explorado apresentando estudos que confirmasse a tese de quanto essas crianças acham fácil esse trabalho. Pois, o autor não usa esses artifícios no texto, apenas expõe de maneira artificial que esse caso está crescendo. Se usasse dados de fontes, proporcionaria uma compreensão e alertaria o leitor em como fazer para melhorar esse quadro no país.

Com argumentações fortes, o editorial conseguiria atingir um público maior e conseqüentemente mais opiniões a respeito do assunto seriam formadas. Marchesani (2008) destaca que a função do editorialista é se posicionar diante de fatos polêmicos ou noticiosos, manifestando seu apoio ou rejeição através da sua maior estratégia, a argumentação. Ainda segundo a autora, o autor do texto ao escrever, deve levar em consideração o consumidor do jornal, construir o editorial a partir da imagem do leitor, para assim existir uma melhor interação entre quem escreve e quem lê.

Ao ler o fecho do texto do aluno E3, subentende-se que vai iniciar outro assunto. O parágrafo final deixou escapar o assunto principal. Poderia ter usado outros recursos como deixar uma pergunta reflexiva ou trazer outros argumentos que enriquecessem o texto. Porém, não usou a criatividade, finalizando de forma fraca, sem reforçar a tese por ele defendida.

---

<sup>6</sup>Texto disponível em <http://jornalstandoufam.blogspot.in/2013/02/prostituicao-infantil-uma-forma-de.html>.



Considerando os elementos de textualização, verifica-se que faltou informatividade, ou seja, priorizou-se em contar no geral o tema abordado e não atentou-se para informações novas que sustentassem a tese principal. Para o leitor compreender o assunto e ser um participante ativo, formador de opinião, faz-se necessário utilizar sempre que possível informações que construam esse pensamento na vida da população.

Em relação à linguagem jornalística do aluno E3, observou-se os seguintes problemas: Como podemos destacar no 1º parágrafo, no segundo período da frase, a palavra “*Pois*” deve ser acompanhada por uma pausa breve, pois está concluindo uma afirmação com outra. Fazendo o uso da pontuação apropriada, facilita a compreensão do leitor.

No mesmo parágrafo, há colisão na frase “*entram nessa vida por viverem*”, vício de linguagem que não é recomendado na língua portuguesa, pois soam de forma desarmoniosa entre as palavras, proporcionando um desconforto na leitura.

No 2º parágrafo, a palavra “*influencia*” está no verbo inadequado. Na língua portuguesa as palavras influência e influencia estão corretas. Entretanto, deve-se atentar para quando elas devem aparecer. Nesse caso, a oração da frase indica que é por influência de alguém que estão em tal situação, portanto, deve ser acentuada.

No 3º parágrafo, o primeiro período da frase apresenta a palavra “*que*” duas vezes muito próximas. No texto jornalístico, deve-se evitar ao máximo o chamado, queísmo. O queísmo são frases que utilizam o conectivo “*que*” em excesso. Para tanto, o jornalista deve conhecer palavras de mesmo sentido, assim não tornará o texto chato e cansativo.

No 5º parágrafo, observe:

Quando as prostitutas atingem um estado financeiro melhor e começam **a se** sentir mais a vontade com sua vida, a busca por novos meios **de se** satisfazer como consumistas é eminente. Elas encontram nas drogas essa nova forma **de se** satisfazer e até mesmo **de se** sentirem incluídas nessa vida (E3, 2013).

O que acontece neste parágrafo são repetições inadequadas da preposição “*de*” seguida do conectivo “*se*”. Gerando uma leitura redundante, fraca em palavras de ligação. Segundo Squarise e Salvador (2005), o autor de qualquer texto precisa de atenção e paciência para buscar o vocabulário apropriado dentro do contexto. Além disso, os autores enfatizam a importância de consultar dicionários, pesquisar textos



especializados de profissionais da área, pois segundo eles, trazem uma carga maior na hora de construir o texto.

### **Considerações finais**

Com base nos resultados parciais, observou-se que os alunos ainda têm dificuldades em desenvolver o texto jornalístico, utilizando as regras jornalísticas. Alguns conseguem escrever a estrutura correta de determinado gênero, porém, ainda necessita torná-lo coerente, objetivá-lo e torná-lo claro, além de existir a necessidade de organizarem as ideias e sua estrutura composicional.

Notou-se que os gêneros textuais passam despercebidos pelos alunos, eles não possuem conhecimentos necessários para estabelecer estratégias de escrita. Os gêneros textuais, como aponta nosso objeto de estudo, possui importante ferramenta para o processo de construção de textos.

Muito se questiona sobre o que pode contribuir para que alunos possuam tais estratégias na construção dos textos. A partir disso, percebeu-se como os elementos de textualização estão em falta no texto jornalístico. Não se pode afirmar que todos os alunos possuem essa dificuldade, entretanto, é de suma importância que saiam da universidade com 90% conhecendo e assimilando essas regras.

Além de constatar essas dificuldades, ainda está presente a precariedade sobre a escrita da língua portuguesa. O que vimos diante das análises, são erros ortográficos mínimos, que poderiam ser evitados se os alunos atentassem para o que diz os livros e manuais de redação. Essas questões fomentam discussões acadêmicas e até pedagógicas em como melhorar o ensino da língua portuguesa dentro do âmbito universitário. Um novo olhar dentro desse campo traz novas perspectivas no processo do ensino-aprendizagem.

Diante desses resultados, faz-se necessário a construção de propostas que amenizem essas dificuldades de escrita. A linguagem jornalística é apenas empregada em textos noticiosos, portanto, possuir uma boa escrita contribui para resultados positivos dentro do campo jornalístico.



## Referências

AMARAL, Luiz: **Jornalismo: matéria de primeira página**. 6ª ed. Atual. e aumentada. Rio de Janeiro, tempo brasileiro, 2008.

ANTUNES, Irandê. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CLÓVIS, Rossi. **O que é jornalismo**. São Paulo: Braziliense, 2012.

ERBOLATO, Mario. ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2008.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**. Covilhã: Editora Universidade da Beira Interior, 2000.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias e produção textual**. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2012.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2006

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin; PRADO, Magaly (org). **Técnicas de redação em jornalismo**. Saraiva, 2009.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3ª ed. São Paulo, Contexto, 2012.

SQUARISI, Dad, SALVADOR, Aríete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. 3.ed. São Paulo. Contexto, 2005.

SIMON, Maria Lúcia Mexias. **A construção do texto: coesão e coerência textuais**: Revista Philologus, v. 40, p. 22-31, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**/ Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

Textos elaborados por alunos da Ufam-Parintins. Disponível em <http://www.jornalitando.com.br>. Acesso em 28 de agosto de 2014, às 10h30.